

**DESAFIOS E CONQUISTAS: A INSERÇÃO DAS MULHERES NOS “FUTEBÓIS” DE JUIZ DE FORA**

**CHALLENGES AND ACHIEVEMENTS: THE INSERTION OF WOMEN IN THE “FOOTBALL” OF JUIZ DE FORA**

**RETOS Y LOGROS: LA INSERCIÓN DE LA MUJER EN EL FÚTBOL DE JUIZ DE FORA**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n8-275>

**Data de submissão:** 28/07/2025

**Data de publicação:** 28/08/2025

**Ana Karolina Oliveira da Silva**  
Mestranda em Educação Física  
Instituição: Universidade Federal de Juiz de Fora  
E-mail: anakarolods@gmail.com  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-7680-9884>  
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9455902045423877>

**Bárbara Aparecida Bepler Pires**  
Mestre em Educação Física  
Instituição: Universidade Federal de Juiz de Fora  
E-mail: barbarabepler@gmail.com  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1754-5053>  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6708555548850152>

**Aline Toledo de Oliveira**  
Mestre em Educação Física  
Instituição: Universidade Federal de Juiz de Fora  
E-mail: alinetoledo13@hotmail.com  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4253-5121>  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3032722039722486>

**Jefferson da Silva Novaes**  
Doutor em Educação Física  
Instituição: Universidade Federal de Juiz de Fora  
E-mail: jeffsnovaes@gmail.com  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9304-6574>  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6229092816230905>

**Ludmila Nunes Mourão**  
Doutor em Educação Física  
Instituição: Universidade Federal de Juiz de Fora  
E-mail: mouraoln@gmail.com  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0893-7511>  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7405033216117712>

## RESUMO

A proposta é analisar como tem ocorrido a inserção das mulheres em cargos de gestão técnica nos futebóis na cidade de Juiz de Fora - MG, analisando suas trajetórias profissionais, com a intenção de dar visibilidade e representatividade a essas mulheres. O objetivo é analisar os desafios e superações necessárias para que uma mulher consiga se inserir e se manter em cargos de gestão técnica nos futebóis na cidade de Juiz de Fora - MG. A metodologia do estudo é a história oral temática, que adota uma abordagem qualitativa. Para a coleta de dados, utilizamos a técnica de entrevista semiestruturada e, para a análise dos dados, os referenciais da Análise de Conteúdo. Os relatos das entrevistadas indicam que a consolidação em cargos de destaque na gestão técnica demanda não apenas constante qualificação e formação, mas também a construção de redes de contatos, muitas vezes lideradas por homens, devido à predominância masculina nesse ambiente. Desafios diários, disparidades na remuneração e luta contra a desconfiança impactam na vida dessas mulheres e em seus relacionamentos pessoais. A evolução dos calendários nos futebóis de mulheres tem o potencial de criar um espaço significativo para aquelas que buscam oportunidades e reconhecimento na gestão técnica. No entanto, ainda há um longo percurso a ser trilhado para que as mulheres da cidade de Juiz de Fora possam alcançar o reconhecimento e o espaço que merecem pela dedicação e preparação demonstradas. Ao compartilhar suas experiências e histórias, essas mulheres contribuem para a construção de um ambiente mais diverso e justo no cenário esportivo local.

**Palavras-chave:** Futebóis de Mulheres. Futebol de Mulheres. Futebol Feminino. Cargos de Gestão Técnica.

## ABSTRACT

The aim of this study is to analyze how women have entered technical management positions in soccer in the city of Juiz de Fora, Minas Gerais, analyzing their professional trajectories and aiming to give these women visibility and representation. The objective is to analyze the challenges and overcoming challenges necessary for women to enter and maintain technical management positions in soccer in the city of Juiz de Fora, Minas Gerais. The study methodology is thematic oral history, which adopts a qualitative approach. We used semi-structured interviews for data collection, and content analysis for data analysis. The interviewees' accounts indicate that establishing themselves in prominent technical management positions requires not only ongoing training and development, but also the building of networks, often led by men, due to the male dominance in this environment. Daily challenges, pay disparities, and the struggle against mistrust impact these women's lives and their personal relationships. The evolution of women's soccer calendars has the potential to create significant opportunities for those seeking opportunities and recognition in technical management. However, there is still a long way to go before the women of Juiz de Fora can achieve the recognition and recognition they deserve for their dedication and preparation. By sharing their experiences and stories, these women contribute to building a more diverse and fair environment in the local sports scene.

**Keywords:** Women's Soccer. Technical Management Positions.

## RESUMEN

El objetivo de este estudio es analizar cómo las mujeres han accedido a puestos de dirección técnica en el fútbol de Juiz de Fora, Minas Gerais, analizando sus trayectorias profesionales y buscando darles visibilidad y representación. El objetivo es analizar los desafíos y la superación de los desafíos necesarios para que las mujeres accedan y mantengan puestos de dirección técnica en el fútbol de Juiz de Fora, Minas Gerais. La metodología del estudio es la historia oral temática, que adopta un enfoque cualitativo. Se utilizaron entrevistas semiestructuradas para la recopilación de datos y análisis de contenido para el análisis de datos. Los relatos de las entrevistadas indican que establecerse en puestos

destacados de dirección técnica requiere no solo capacitación y desarrollo continuos, sino también la construcción de redes, a menudo lideradas por hombres, debido al predominio masculino en este entorno. Los desafíos diarios, las disparidades salariales y la lucha contra la desconfianza impactan la vida de estas mujeres y sus relaciones personales. La evolución de los calendarios del fútbol femenino tiene el potencial de crear oportunidades significativas para quienes buscan oportunidades y reconocimiento en la dirección técnica. Sin embargo, aún queda un largo camino por recorrer para que las mujeres de Juiz de Fora alcancen el reconocimiento que merecen por su dedicación y preparación. Al compartir sus experiencias e historias, estas mujeres contribuyen a construir un entorno más diverso y justo en el panorama deportivo local.

**Palabras clave:** Fútbol Femenino. Puestos de Gestión Técnica.

## 1 INTRODUÇÃO

A participação das mulheres nos futebóis<sup>1</sup> brasileiro é cercada por truculências, dificuldades, estereótipos e preconceitos. Por ser considerado um espaço eminentemente masculino, historicamente as mulheres que o praticavam eram vistas como aquelas que tiveram um “desvio de conduta” inadmissível aos olhos da sociedade conservadora brasileira (Franzini, 2005).

Após algumas partidas oficiais realizadas no ano de 1940, foram lançadas campanhas que visavam destacar os supostos malefícios causados pela prática dos futebóis por parte das mulheres. Uma dessas campanhas foi protagonizada por José Fuzeira, que enviou uma carta direcionada ao então presidente da república, que argumentava: “Dentro de um ano é provável que, em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja: 200 núcleos destroçadores da saúde de 2.200 futuras mães”<sup>2</sup>.

Após as “preocupações” levantadas pela sociedade, os movimentos de Fuzeira acabaram culminando na promulgação do Decreto-Lei 3.199, art. 54, em abril de 1941, que estabeleceu o Conselho Nacional de Desportos (CND), impondo restrições à participação das mulheres no esporte ao afirmar que:

Art. 54.: Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.

A restrição se manteve por longos 38 anos de ilegalidade da modalidade para as mulheres. Somente em 1979 ocorreu à revogação e anos mais tarde, em 1983, foi estabelecida a regulamentação que finalmente permitiu que as mulheres “oficialmente” pudessem praticar e fazer parte do mundo futebolístico.

Essa mudança na legislação representou um avanço importante para as mulheres que começaram a exercer atividades relacionadas ao esporte, transpondo as barreiras legais e sociais impostas anteriormente. No entanto, ao restringir o acesso das mulheres à modalidade e limitar suas oportunidades de atuação, houve um atraso no desenvolvimento tanto da modalidade quanto destas profissionais no país.

<sup>1</sup> Utilizaremos o termo futebóis como um recurso metodológico para abranger uma noção mais ampla e diversificada da modalidade (Damo, 2018). Dentro dessa concepção de futebóis englobaremos diferentes formas de prática da modalidade, tais como futsal, futebol de campo, futebol de rua e futebol society.

<sup>2</sup> Carta de José Fuzeira ao Ilmo. Sr. Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas (grifos do original). Rio de Janeiro, 25.04.1940. Arquivo Gustavo Capanema — CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (RJ): GC 36.04.22/g — Filme 42 — mf. 0117.

Desse modo, dentro do cenário esportivo, ainda é um grande desafio para as mulheres atuarem em cargos de gestão técnica<sup>3</sup> e, uma vez que chegam lá, enfrentam uma série de desafios gerados especialmente pela forma como essas relações de gênero foram constituídas no mundo desportivo (Mourão e Gomes, 2004).

No Brasil, as mulheres ainda representam uma minoria em cargos de gestão técnica. Estudos apontam que mesmo no futebol praticado por mulheres no país, a maior porcentagem desses cargos é predominantemente ocupada por homens. Segundo Passero (2020), de 2013 a 2019 do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, os homens ocuparam (85%) dos cargos na comissão técnica, enquanto a presença das mulheres (22%), que se concentrou na posição de auxiliar.

Outros dados são dos registros da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que em 2023 mostra apenas 4,4% do total de jogadores profissionais no Brasil eram mulheres, totalizando 598 jogadoras em comparação a 12.992 jogadores. E essa disparidade se estende para outras funções no campo esportivo, no cargo de treinador, em 2023, o país contava com 1.672 homens e apenas 57 mulheres, representando pouco mais de 3% do total. Comparando com os números de 2019, a disparidade era ainda maior, pois as mulheres representavam apenas 1% do total, eram 1.368 homens e 15 mulheres. Os dados apresentados revelam os enormes desafios que as mulheres enfrentam ao tentar estabelecer-se nesses cargos no cenário do futebol no Brasil.

Diante de todo esse impacto mostrado pelos números e representados nas dimensões sociocultural, política e histórica no contexto dos futebóis em relação às mulheres, o objetivo deste trabalho é analisar os desafios e superações necessárias para que uma mulher consiga se inserir e se manter em cargos de gestão técnica nos futebóis na cidade de Juiz de Fora<sup>4</sup>, município da zona da mata mineira. A proposta é analisar como tem ocorrido a inserção delas nesses cargos na cidade, focando em treinadoras, auxiliar de treinadoras/es e preparadoras físicas. Serão analisadas suas trajetórias profissionais, identificando os desafios e conquistas ao longo do caminho, com o objetivo de dar visibilidade e representatividade a essas mulheres, mostrando que “o lugar de mulheres é onde elas quiserem”.

<sup>3</sup> Cargos que envolvem o trabalho direto com atletas, incluindo treinadoras, auxiliares técnicas, Preparadoras de goleiras e Preparadora físicas

<sup>4</sup> Juiz de Fora é uma cidade do Estado de Minas Gerais. Os habitantes se chamam juiz-foranos. O município se estende por 1 435,7 km<sup>2</sup> e contava com 565 764 habitantes no último censo em 2024. A densidade demográfica é de 394,1 habitantes por km<sup>2</sup> no território do município. Situado a 715 metros de altitude, de Juiz de Fora tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 21° 41' 20" Sul, Longitude: 43° 20' 40" Oeste. Disponível em: <<https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-juiz-de-fora.html>>. Acesso em 20 mai. 2025

## 2 METODOLOGIA

A metodologia do estudo adota uma abordagem qualitativa, na qual as mulheres são as protagonistas do processo e tem as suas histórias valorizadas. A pesquisa qualitativa permite uma exploração aprofundada das experiências e percepções das participantes, levando em consideração seus contextos sociais, culturais e históricos, enfatizando a totalidade do indivíduo e valorizando seu contexto (Mayring, 2002).

Utilizou-se a história oral temática baseada na perspectiva de Meihy (2005). Essa abordagem é escolhida porque reconhece e respeita as diferenças individuais, facilitando a compreensão das identidades e dos processos narrativos das participantes. Além disso, a história oral temática é capaz de ecoar a voz das minorias e conferir um sentido social às experiências vividas sob diversas circunstâncias. Essa abordagem torna-se essencial para garantir a representatividade e valorizar as narrativas das mulheres que trabalham com os futebóis na cidade de Juiz de Fora.

Dessa forma, a pesquisa buscou capturar a riqueza e a complexidade das vivências das mulheres inseridas nos futebóis, analisando suas histórias, percepções e contextos para proporcionar uma compreensão abrangente e significativa. Neste estudo optou-se por uma amostra intencional, escolhendo conscientemente trabalhar com quatro participantes previamente selecionadas. Essa escolha foi feita devido ao universo limitado de mulheres em cargos de gestão técnica no contexto dos futebóis em Juiz de Fora.

Para a coleta de dados utilizamos a técnica de entrevista baseada nos princípios da história oral. Os depoimentos foram registrados por meio de gravações eletrônicas. O roteiro da entrevista foi cuidadosamente elaborado e validado por 2 professores, um Doutor e o outro Mestre, do Grupo de Pesquisa em Educação Física Gênero, Saúde e Sociedade (GEFSS) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), levando em consideração o objetivo deste estudo.

Proferiu-se por perguntas semiestruturadas organizadas em quatro blocos temáticos, com seus respectivos questionamentos, abordando aspectos da trajetória das mulheres nos futebóis, a saber: I) Como tem ocorrido a inserção delas nesses cargos de gestão nos futebóis na cidade; II) Como alcançaram sucesso e reconhecimento em suas carreiras; III) Como as questões de gênero afetam sua carreira exercendo esses cargos de gestão técnica nos futebóis; IV) Qual a visão geral sobre o espaço disponível para as mulheres nos futebóis de Juiz de Fora. Além disso, o roteiro permitiu-se explorar novos questionamentos conforme o desenrolar da conversa.

Todas as mulheres convidadas do estudo foram devidamente informadas sobre a natureza da pesquisa, mantendo-se a confidencialidade em relação às identidades. Para o registro dos dados, as conversas foram transcritas seguindo as diretrizes estabelecidas no Guia do Centro de Memória do

Esporte (CEME) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). As entrevistas foram transcritas integralmente, passaram por uma revisão que incluiu a correção de erros gramaticais, eliminação de vícios de linguagem, registro de interrupções, bem como a captura de elementos não verbais, como emoções, ênfases e silêncios prolongados. Em seguida, realizou-se o processo de copidesque, no qual a entrevista foi lida e ouvida simultaneamente, com o objetivo de verificar o documento e garantir maior fidedignidade à entrevista.

A análise de dados foi a definida por Bardin (2011), em que inicialmente procedemos com uma leitura flutuante das entrevistas transcritas, buscando uma compreensão geral. Posteriormente, criamos um quadro de análise para cada bloco do roteiro de entrevistas, em que as categorias de respostas foram organizadas na horizontal e o nome das colaboradoras do estudo na vertical. A análise foi conduzida agrupando as respostas dos participantes em temas, seguindo os quatro blocos. A partir dessa categorização, analisamos as relações entre a inserção das mulheres nos futebóis de Juiz de Fora e discutimos as informações obtidas com a literatura pesquisada. Esse cruzamento dos resultados tem como finalidade responder as questões levantadas pelo objetivo da pesquisa, especialmente no que diz respeito ao processo de visibilidade e representatividade dessas mulheres no contexto dos futebóis.

### 3 RESULTADOS

Primeiramente vamos apresentar o perfil das gestoras técnicas que participaram da pesquisa que apresentam média de idade de 32 anos, o que podemos considerar uma tendência de jovens profissionais assumindo posições de liderança no setor esportivo. No entanto, é importante considerar o contexto mais amplo do perfil dos gestores esportivos brasileiros. De acordo com um estudo de Zanatta et al (2018), os gestores esportivos brasileiros são em sua maioria, do sexo masculino, com idade média de 42 anos e com formação predominante em Educação Física e Administração. Esses dados sugerem que as mulheres estão ingressando em cargos de liderança em idades mais jovens e que acompanham a formação necessária para o cargo.

Quadro 1: Caracterização das gestoras técnicas

Referência	A1	A2	A3	A4
<b>Idade</b>	32 Anos	27 Anos	38 Anos	41 Anos
<b>Escolaridade</b>	Ensino Superior Completo	Ensino Superior Completo	Ensino Superior Completo	Ensino Superior Completo
<b>Naturalidade</b>	Juiz de Fora, MG	Juiz de Fora, MG	Rio Branco, AC	Juiz de Fora, MG
<b>Formação</b>	Formada em Educação Física	Formada em Educação Física	Formada em Educação Física	Formada em Administração
<b>Profissão</b>	Professora e Técnica	Técnica	Técnica	Bancária
<b>Cargo de Gestão Técnica</b>	Treinadora	Treinadora e auxiliar	Treinadora e Preparadora Física	Gestora e Treinadora

Fonte: produzido pela autora (2023)

## 4 DISCUSSÃO

### 4.1 A INSERÇÃO NA MODALIDADE E NO CARGO DE GESTÃO TÉCNICA

A presença da mulher no esporte se deu de modo mais tardio se comparada aos homens devido à histórica associação desse ambiente ao gênero masculino e as devido a restrições sociais e culturais. Os esportes de contato, como o futebol, eram vistos como territórios reservados aos homens, uma vez que estavam associados ao papel masculino de força e autoconfiança, em contraste com a representação tradicional do feminino como algo caracterizado pela timidez, fragilidade e dependência (Moura, 2005).

Nossas mulheres compartilham dessa situação, pois todas elas iniciaram sua inserção no mundo esportivo junto aos meninos, seja na família ou com amigos, frequentemente nas ruas ou, em alguns casos, no ambiente escolar. No entanto, elas invariavelmente se encontravam como as únicas meninas presentes:

Jogava bola na rua com os meninos, sempre com os meninos, porque não tinha meninas. (A1)  
Eu sempre fui a única menina no meio dos meninos, jogando bola. (A2)  
Sempre foi brincadeira mesmo, com os irmãos, com os primos, em casa e na rua. (A3)  
O primeiro contato que eu tive com o esporte foi realmente lá na infância. Brincadeira de rua, com colegas e tal. E ali, eu comecei a pegar um gosto pelo futebol. (A4)

Prosseguindo em sua jornada de aprendizado e com o objetivo de manter essa prática, as participantes procuraram ambientes onde pudessem praticar o esporte com outras meninas. Entretanto, em seus relatos, elas enfatizam que o contato com meninas da mesma idade se mantinha raro e desafiador.

Eu insisti com minha mãe para me colocar em uma escolinha, e isso demorou muito, porque ela não queria, porque ela não achava escolinha só para meninas. (A2)  
era um time de meninas mais velhas “se eu tinha nove, elas deviam ter dezesseis, dezoito anos”, porque antigamente não tinha o que tem hoje, as categorias mais novas, antes eram as meninas todas juntas, porque eram poucos times e somente no campo. (A1)

No início de suas trajetórias as meninas aprendem a jogar de maneira informal em casa e na rua, sem instrução sistemática. Essa experiência desempenha um papel importante na socialização delas, já que jogar futebol na rua representa quebrar a barreira de que meninas devem brincar dentro de casa, de boneca e casinha, desafiando que o papel das meninas é preparar-se para as tarefas e as atividades domésticas. É nessa fase, brincando na rua, que elas desenvolvem outras habilidades, estabelecem relações sociais em outros cenários e absorvem valores culturais diferentes daqueles orientados a elas em casa, o que pode influenciar sua percepção do mundo e suas escolhas futuras nos futebóis. Neste aspecto é relevante reforçar que a família e a sociedade podem influenciar o

desenvolvimento das meninas ao construir comportamentos e valores positivos. Durante esse processo, as meninas ajustam diversos aspectos de suas práticas esportivas, gradualmente conquistando seu lugar no esporte. (Moura e Silveira, 2013). O apoio e o incentivo da família e da sociedade são determinantes para as meninas se sentirem mais confiantes e motivadas, promovendo mudanças culturais que incentivam a igualdade de gênero e o empoderamento das meninas.

Bastos e Navarro (2009) destacam em sua análise que dentre a diversidade de atividades nas aulas de Educação Física, os futebóis ocupam uma posição de destaque quando comparado com outros esportes. Nas entrevistas realizadas com nossas participantes, observamos que a expansão do espaço para a prática do esporte começou a ocorrer à medida que se tornou comum jogá-lo na escola, especialmente durante as aulas de Educação Física.

Isso, por sua vez, permitiu que as jovens fossem introduzidas em competições, ampliando ainda mais seu universo sobre o jogo e entusiasmo pela modalidade. Esse ambiente escolar não apenas diversificou as oportunidades de jogar, mas também fomentou um interesse mais profundo pela prática esportiva entre essas meninas, como relata (A2): “[...] comecei a jogar na escola também, e a disputar intercolegial. A paixão só foi ficando.” Nessas falas, conseguimos observar que é preciso que as meninas tenham a liberdade para explorar e descobrir suas próprias habilidades e interesses. A escola é um espaço por excelência e seguro para que ocorram estas descobertas.

De acordo com Braga (2021), a inserção profissional das mulheres muitas vezes se entrelaça com suas carreiras como atletas, demonstrando afinidade e amor pelo esporte. Após suas experiências como atletas ou praticantes dos futebóis, as mulheres buscam seguir suas trajetórias no esporte escolhendo-o como campo de atuação. Ao estarem inseridas no esporte, almejam contribuir para o seu desenvolvimento. Esse padrão não difere das experiências das nossas entrevistadas.

Na verdade, eu tinha dois sonhos na minha vida, um era ser atleta profissional e o outro era ser professora de educação física. O atleta eu bati em algumas traves, não deu certo por algumas coisas de antigamente, por preconceito ou medo, enfim, e eu falei, “vou estudar”, estudei, formei. (A1)

Olha, eu digo que aconteceu por acontecer. Eu jogava, e a gente... Meu time nunca foi de ter treinadores [...] acho que pela forma de ter mais uma liderança dentro da equipe, isso acabou me trazendo essa responsabilidade de orientar. (A3)

O acesso a cargos de gestão técnica e as estratégias empregadas pelas entrevistadas para alcançá-los revelam que esse estágio de suas carreiras foi, em grande parte, uma evolução natural. Algumas delas relatam o sonho de se graduar em educação física à medida que reconheciam os desafios associados à profissão de atleta. Isso sugere que a decisão de ingressar na área de gestão técnica foi motivada por uma combinação de paixão pelos futebóis e conscientização da realidade do cenário

esportivo. O caminho para essas posições, portanto, se manifestou de maneira orgânica, aproveitando a sua experiência anterior como atleta e nutrindo um desejo duradouro de contribuir para o mundo do esporte de uma forma diferente.

Independentemente das vias que escolheram para alcançar suas atuais posições, a maioria deu seus primeiros passos nas categorias de base, um terreno fértil que se revelou como alicerce fundamental de suas jornadas profissionais. Essa carreira nas categorias de base não apenas consolidou sua paixão pelo esporte, mas também forneceu as habilidades essenciais necessárias para ter sucesso na gestão técnica esportiva.

Eu entrei aqui para fazer um estágio pensando assim “só vou por ir, não quero futebol”. Só que mexeu no amor que tenho, e ver essas coisinhas de sete, cinco aninhos, eu falei “caraca, eu quero isso para mim”. Foi isso, foi o amor mesmo pelo esporte. (A1)

Quando eu parei de jogar bola profissionalmente, eu recebi um convite de uma outra moça, de uma outra equipe, para treinar um sub 13 masculino, aquilo ali eu ainda estava no início da minha formação, e aquilo me chamou bastante atenção e fui gostando da ideia, fui pegando o jeito e acabei indo até hoje. (A3)

As mulheres no âmbito dos futebóis encontram maior aceitação para atuar nas categorias iniciais, conforme destacado por Ferreira et al. (2013), devido à suposição de que, por terem sido historicamente educadas para o lar, possuem habilidades aprimoradas para cuidar de crianças temporariamente afastadas de suas mães. Entretanto, essa aceitação mais fluida nas categorias iniciais levanta questões sobre a percepção no contexto esportivo. Enquanto há reconhecimento da capacidade das mulheres para o ensino e cuidado infantil, existe uma ponderação quanto à sua aptidão para assumir papéis de liderança em equipes de outras categorias.

A inserção dessas mulheres nos futebóis, conforme apontam os relatos das entrevistadas, evidencia trajetórias marcadas pela persistência, paixão e resiliência, fundamentais para enfrentar os entraves históricos e culturais que permeiam esse espaço. Seus percursos revelam que, ao acessarem as oportunidades que lhes foram possíveis, se consolidaram em seus respectivos cargos no contexto local. Dessa forma, a inserção na modalidade e no cargo de gestão técnica configura-se como resultado de processos que articulam resistência, agência e a constante negociação frente às barreiras estruturais presentes no futebol.

#### 4.2 EXPERIÊNCIA E ESTRATÉGIAS PARA ALCANÇAR O RECONHECIMENTO

Durante a entrevista foram abordadas questões sobre capacitação, cursos, formação e preparação para que essas mulheres assumissem seus cargos e alçassem reconhecimento e sucesso. Das informações coletadas, todas as entrevistadas participaram de cursos com o objetivo de aprimorar

suas habilidades e desempenho em suas respectivas funções no esporte. Uma delas se destacou por buscar uma capacitação mais intensiva, incluindo pós-graduação e especialização, como foi o caso de (A2). Conforme ela relata, aproveitou um momento oportuno durante a pandemia global da COVID-19 para aprimorar seus conhecimentos.

Eu formei no bacharel e já queria fazer uma pós-graduação, só que veio a pandemia e encaixou de surgir essa pós-graduação online. No meio da pandemia, eu comecei a fazer a especialização em futsal... Acho que o que conta muito também agora, a especialização em Viçosa, que fui por indicação e que todo mundo fala que é a maior especialização de futebol do Brasil. (A2)

O estudo de Ferreira et al. (2015) já destacava a necessidade das mulheres se prepararem ainda mais para enfrentar e resistir a desafios e estereótipos de gênero no campo profissional. Elas frequentemente se deparam com a desconfiança em relação à sua competência e são submetidas à constante pressão de provar que são dignas de ocupar posições no esporte e em especial nos futebóis. A capacitação, cursos, formação e preparação são ferramentas necessárias para que as mulheres possam acessar plenamente as oportunidades disponíveis no mercado esportivo e alcançar todo o seu potencial, transformando esse cenário.

Sobre as experiências durante os cursos e como elas influenciaram sua preparação para esse cargo. A entrevistada (A1) compartilhou destacando:

Eu acho que a cada curso que a gente faz, a gente aprende um pouquinho. Por mais que fala “nossa, mas eu vou fazer esse curso, vai ser as mesmas coisas?” Nunca é a mesma coisa. A gente sempre pega um pouquinho daqui... um pouquinho dali... uma vivência de um amigo de longe. Acho que a gente sempre aprende com esses cursos. (A1)

Com isso ela ressalta a perspectiva de que, mesmo que um curso pareça semelhante a outros, cada um oferece uma oportunidade única de aprendizado. Essa abordagem destaca a diversidade de fontes de conhecimento, indo além do conteúdo formal do curso e incluindo a troca de experiências com colegas, vivências compartilhadas e até mesmo as perspectivas de pessoas distantes que compartilham de outras realidades.

A compreensão resultante desse processo é percebida como mais completa e enriquecedora. Essa mentalidade de valorizar a singularidade de cada experiência é crucial, onde a adaptação e a aprendizagem contínua desempenham papéis fundamentais no desenvolvimento pessoal e profissional.

Como mencionado anteriormente, a (A4) possui formação em administração, e ela aproveitou sua experiência nesse campo para enriquecer sua atuação como treinadora e gestora, trazendo para o esporte a liderança que exerce em seu trabalho.

“[...] Porque hoje o meu plano de carreira, onde, eu trabalho, ele já me exige um desenvolvimento nesse sentido. Eu acho, que muita coisa eu aprendi lá e vice-versa também. Como tantas situações adversas que eu tive com elas agora, e que me ensinaram a tomar outro tipo de condicionamento, de postura dentro do trabalho.”

O trecho da entrevista da (A4) enfatiza a relevância da liderança no contexto profissional, destacando a necessidade de desenvolvimento nessa área para atender às demandas próprias do esporte. A experiência vivenciada na posição de treinadora reflete uma troca constante de aprendizados no ambiente de trabalho, onde situações adversas têm desempenhado um papel fundamental no desenvolvimento de um novo condicionamento e postura profissional, e sendo a única integrante de sua comissão técnica, isso a leva a desenvolver relações principalmente com suas atletas. E ela completa:

Você tem que saber ser, e esse saber ser líder é o que faz a diferença. Não adianta “a fulana que é a técnica, tá?”, mas se ela não souber liderar, não vai sair do lugar, se ela não souber fazer com que as pessoas comprem a ideia, não vai sair do lugar. Porque equipe é isso, existe uma pessoa que é uma referência ali, e ela tem algumas ideias da equipe, se ela não tiver um poder de convencimento, se ela não tiver alinhada a toda equipe, as coisas não acontecem. (A4)

Assim como no ambiente profissional, a liderança nos futebóis desempenha um papel no desenvolvimento da equipe e das atletas em situações desafiadoras. A capacidade de liderar não apenas pode influenciar o resultado, mas também a mentalidade e a coesão da equipe.

Ambos os contextos ressaltam a importância da liderança como uma habilidade multifacetada, envolvendo não apenas a capacidade de tomar decisões assertivas, mas também a habilidade de inspirar, motivar e aprender com os outros. A liderança, tanto no ambiente de trabalho quanto no esporte, é fundamental para o crescimento pessoal e o sucesso coletivo.

As entrevistadas (A3) e (A4) mencionaram as dificuldades de acesso que enfrentaram para buscar qualificações e conhecimentos adicionais, e destacaram que com o acesso à internet, foi possível realizar treinamentos remotamente, compartilhar estratégias e receber orientações de especialistas mesmo à distância, permitindo-lhes superar esses desafios.

Pela dificuldade hoje a gente usa mais internet, mas eu fiz mais online com Ricardo Pombo, fiz auxiliar técnica, fiz preparação física no futebol e no futsal, mas todos online. (A3)  
Eu comecei a fazer uns cursos pela internet mesmo. Pegava alguns vídeos no YouTube, às vezes tinha algumas palestras, webinar, comecei a assistir, comecei a ver como o mercado estava, como é que estava rolando, o que era interessante, não só das meninas de linha, mas também na parte das goleiras (A4)

Apesar dos desafios enfrentados, as mulheres, por muitas vezes, buscam se capacitar para desempenhar suas funções no campo esportivo. Torga (2019) destaca que, de maneira geral, as mulheres são mais instruídas do que os homens, um fator que não apenas contribui para a consolidação de suas carreiras, mas também é apontado como uma possível solução para minimizar a invisibilidade das mulheres em cargos de gestão técnica nos futebóis. Em consonância, Novais (2018) ressalta que no Brasil as treinadoras buscam muito mais o capital humano e social. No entanto, nota-se a ausência de uma preocupação por parte dos clubes e instituições em investir na capacitação das pessoas envolvidas em diversas funções no cenário dos futebóis. Nesse contexto, as treinadoras que alcançam o mais alto nível de capacitação o fazem por mérito próprio e muitas vezes diante de uma situação financeira precária.

Ao longo da história do esporte nacional, as mulheres e os homens têm recebido incentivos, as diferenças de incentivos podem se manifestar através de investimentos desiguais em programas esportivos para homens e mulheres, seja em termos de financiamento, instalações ou treinamento. As oportunidades para mulheres tendem a ser limitadas em comparação com seus colegas do outro gênero, impactando seu desenvolvimento. Essa desigualdade pode dificultar que as mulheres alcancem seu potencial máximo, tanto no esporte quanto em outras áreas (Goellner, 2005a).

No que diz respeito à gestão e administração esportiva, a desigualdade de relações de poder pode se refletir na sub-representação de mulheres em cargos de liderança e tomada de decisão. Essa falta de representatividade pode contribuir para a perpetuação de discursos e práticas que favorecem mais um gênero em detrimento do outro.

A profissionalização para essas mulheres pode proporcionar condições de trabalho adequadas, salários suficientes para sustento e permanência no cenário esportivo. Essa abordagem visa reduzir a necessidade de múltiplos empregos ou envolvimento em outras áreas, além de promover melhorias nas estruturas físicas, conforme destacado por Braga (2021).

No que tange à experiência e às estratégias para alcançar o reconhecimento, observa-se que a manutenção em cargos de destaque não se restringe à busca por qualificação e formação contínua. Ela também demanda a articulação de redes de contato e sociabilidade, as quais, em grande medida, ainda são estruturadas e lideradas por homens, em virtude da hegemonia histórica masculina nesse ambiente.

#### 4.3 ENFRENTANDO O ESTIGMA DO GÊNERO NOS CARGOS DE GESTÃO TÉCNICA

Para discutir estigmas de gênero é indispensável começarmos organizando o seu conceito. Para Scott (1995), o gênero atua como um campo primário, no qual o poder se manifesta ou é articulado.

Ele permite uma análise aprofundada dos processos pelos quais a cultura produz práticas que envolvem e são moldadas por questões de poder, como a exemplo dos futebóis.

A dificuldade de garantir uma representação adequada das mulheres em cargos de gestão técnica está entrelaçada com a percepção profundamente enraizada de que a masculinidade é um pré-requisito para a liderança esportiva como argumentado por Staurowsky (1990). Essa concepção perpetua a ideia de que o treinamento de atletas é uma tarefa destinada exclusivamente aos homens, resultando em uma barreira para a aceitação das mulheres como treinadoras (Norman, 2010).

Em nossas entrevistas, colocamos em destaque as situações indesejadas que ocorreram enquanto essas mulheres estavam desempenhando suas funções. Essas situações poderiam estar relacionadas a questões de gênero, orientação sexual ou preconceito, e eram passíveis de serem provocadas por qualquer pessoa que as rodeasse, incluindo pais, dirigentes, colegas de trabalho e membros de suas respectivas comissões. O foco nas situações problemáticas destaca a importância de examinar e abordar as complexas dinâmicas que afetam as mulheres em seus cargos e destacar os desafios que enfrentam em relação a questões de gênero e diversidade.

A entrevistada (A1) compartilhou sua experiência, relatando:

Como treinadora, eu vou te falar “eu acho que todo dia, eu mato um leão”, todo dia... Quando eu desço para dar treino e sei que vou ter algum problema com o pai, ou com alguma mãe, ou com algum olhar. Porque às vezes não fala, mas te olha de uma forma diferente, ou até mesmo com gestores. Muitos pais não aceitam que os filhos sejam treinados por uma mulher, acha que mulher não entende. Se você toma atitude, se você tem uma decisão em algum jogo, por exemplo, quando ganha “nossa a treinadora é ótima” quando perde “não entende nada, é mulher, não sei o que ela está fazendo ali”. Quando eu dei início aqui teve muitos olhares ruins nesse sentido de “o que meu filho está fazendo com uma mulher”. (A1)

A recorrente luta das mulheres por afirmação no esporte, como nesse relato, destaca a percepção de que a todo momento é necessário provar a sua capacidade, pois o ambiente de liderança no esporte não é considerado um espaço para as mulheres (Goellner, 2005a). A desconfiança, o questionamento e a percepção de que não há espaço para o "erro" pode criar um medo do fracasso e levar as mulheres a serem mais cautelosas e menos propensas a correr riscos. Outro aspecto é a inibição da criatividade e a inovação, pois as mulheres podem se sentir mais confortável em seguir procedimentos estabelecidos em vez de tentar novas abordagens. Essa percepção pode também impactar a confiança das mulheres em suas habilidades e capacidades, o que pode ter um impacto negativo em seu desempenho e sucesso profissional.

A entrevistada (A2) compartilhou seu relato trazendo:

“[...] acho que não só por ser mulher, mas por ter orientação sexual pelo mesmo sexo. Quando eu fui contratada por um clube, eu tive que responder dentro do campo. Com uma pergunta totalmente invasiva “Se eu gostava de mulher?”.

Conforme observado por Sawiuk, Lewis e Taylor (2021), o uso desse tipo específico de linguagem representa micro agressões empregadas como uma forma de controle social. As declarações feitas por dirigentes, coordenadores ou gestores indicam que dentro daquele contexto eles se sentem confortáveis ao adotar essa postura e esse tipo de linguagem, cientes de que não serão responsabilizados por suas ações.

As mulheres enfrentam situações desafiadoras, inseridas em discursos que vinculam a aparência corporal com a identidade sexual. Em outras palavras, suspeita-se que uma mulher que apresente características consideradas "masculinas" vivencie seus desejos, amores e prazeres de uma perspectiva que se afasta da heterossexualidade (Goellner, 2005b). As mulheres que não se enquadram nos padrões tradicionais femininos frequentemente enfrentam estigmas e preconceitos associados a masculinização e como consequência a suspeição de sua sexualidade. Esse paradigma cultural sugere que as mulheres que fogem do estereótipo feminino se envolvem com atividades esportivas, como os futebóis, podem ser alvo de discriminação devido à desconformidade com as expectativas sociais tradicionais de gênero. Esses preconceitos podem afetar não apenas a aceitação profissional das mulheres como a permanência das mesmas no cenário esportivo.

E (A2) completa:

Se a mulher é competente naquilo que ela faz, por que ela não pode estar ali? Se o homem é competente, por que ele não pode estar ali? À via tem que ser igual para os dois lados e a gente sabe que não é. Está melhorando? Está. Isso foi que me deixou em choque, mas tratei com a calma que a gente tem que ter, e respondi na medida certa, falei “vocês não têm que olhar isso, vocês têm que olhar a minha competência” e fiquei lá... Quando fui para esse clube, eu fiquei um mês sem receber porque eu tinha que provar que eu sabia o que estava fazendo. E eu provei e depois andou, mas sempre tinham um pé atrás, “ah é uma mulher no cargo, não vamos deixá-la sozinha, vamos colocar um estagiário com ela. (A2)

Embora não haja uma exigência legal, as mulheres muitas vezes são pressionadas a ter uma formação específica, ser capacitada em alguns aspectos, para atuarem como treinadoras, ao passo que tal requisito não é imposto aos homens. Além disso, não há uma obrigatoriedade de formação em Educação Física para aqueles que buscam cargos de treinador ou auxiliar. Muitos treinadores atuam sem qualquer formação, muitas vezes baseando-se apenas em seu histórico como bons atletas. Notavelmente, a competência desses homens não é questionada, indicando que o sexo masculino parece ser considerado suficiente para o desempenho dessas funções (Novais, 2019).

A entrevistada (A3) ofereceu um breve relato sobre suas experiências:

Como treinadora, vez ou outra acontece, não é raridade acontecer não. Sempre tem um pai que acha que o filho não vai ser bem treinado, porque é mulher. Ou que não respeita a decisão da gente que está à frente. Às vezes o próprio aluno, que já vem de casa com aquilo, da conversa do pai ou da mãe, mas a gente vai levando um dia, quem sabe isso acaba. (A3)

O relato revela que a frequente desconfiança por parte de pais em relação às habilidades de treinamento, refletindo preconceitos enraizados sobre a competência das mulheres em papéis técnicos ou de liderança no esporte. Essas atitudes podem dificultar o desenvolvimento e a valorização das mulheres nessas funções, perpetuando estereótipos que associam liderança e expertise a homens.

Além disso, a treinadora ressalta a falta de respeito às suas decisões, indicando um desafio adicional na aceitação de sua autoridade naquele contexto, tanto por parte dos pais quanto dos próprios alunos, que muitas vezes são influenciados por ideias preconcebidas transmitidas em casa. Isso nos remete a necessidade de reflexão, onde enfatiza a importância de combater estereótipos de gênero desde cedo, tanto em âmbito familiar quanto social e esportivo, desconstruir esses preconceitos, promovendo uma cultura de reconhecimento e respeito às habilidades das mulheres, incentivando sua participação e liderança no esporte.

Por fim a participante (A4), traz um ponto relevante, quando comparado as outras entrevistas, por estar em sua comissão sozinha:

Em alguns clubes os treinadores queriam se aproveitar do fato de ser mulher. Dava em cima, jogava piadinha [...] não sei também se acontece hoje pelo fato de eu estar sozinha na comissão, e não ter homem, a gente acaba perdendo esses “feelings”. Se isso acontece em outras equipes, com outras meninas, porque às vezes a gente nem escuta falar sobre essas questões, porque às pessoas têm vergonha de falar, de comentar, as próprias meninas às vezes passam constrangimento e ficam com vergonha de comentar. (A4)

Os obstáculos a serem transpostos pelas treinadoras são muitos, enfrentando violência e/ou assédio. Esse tipo de comportamento é inadmissível, e é fundamental que haja um ambiente seguro e de apoio, onde todas as mulheres possam atuar sem medo de serem desrespeitadas.

No estudo de Torga (2021) são apresentadas evidências que se conectam diretamente às dificuldades enfrentadas por mulheres no meio dos futebóis. Os resultados indicam que os futebóis ainda atuam como um meio que estrutura uma forte hierarquia de gênero, manifestando-se em desigualdades de oportunidades, violências e constrangimentos, diferenças salariais, incluindo acesso a recursos, treinamentos e competições.

Nossas entrevistadas compartilharam experiências em que consideraram seriamente desistir de seus cargos devido às inúmeras dificuldades que enfrentaram, inclusive em relação à sua permanência nessas posições.

Quando eu dei início aqui teve muitos olhares ruins, nesse sentido de “o que meu filho está fazendo com uma mulher”. E já teve algumas reclamações para o dirigente, que eles não queriam que o filho treinasse comigo pelo fato de eu ser mulher. Foram momento difíceis que eu quis parar, às vezes eu quero parar. As vezes eu penso “tá? vou, sei lá, fazer uma outra coisa, trabalhar com outra coisa” porque todo dia a gente esbarra nesse preconceito. Melhorou? Melhorou, mas todo dia eu tenho que chegar aqui e eu tenho que dar um “puta” treino. (A1) Já pelo lado financeiro. Inclusive, até hoje eu penso muito nisso. O lado financeiro pesa muito. (A3)

A entrevistada (A2) passou por uma situação em seu antigo clube, na qual foi rebaixada da posição de treinadora para auxiliar, sabendo que a pessoa que estava assumindo nem havia terminado seu processo de formação superior, enquanto ela, já estava em sua fase de especialização. Ela relata:

Nesse dia, acho que foi o ápice para mim. [...] a pessoa que estava assumindo era uma pessoa muito bacana, mas eu acho que o que mais me doeu foi quando me tiraram do time feminino, foi um projeto que começou do zero, sem ninguém... eu comecei tudo, eu que “bati de frente” para estar lá, mostrei projetos. [...] se fosse uma mulher assumindo, acho que eu não ficaria tão (brava) [...], mas foi um cara. Foi a hora que eu pensei “Será que quero continuar aqui? Será que quero continuar para isso?”. (A2)

Por esse relato, parece que essa experiência foi bastante difícil para a gestora, especialmente por sentir que foi tratada de uma forma diferente por ser uma mulher. É completamente compreensível que isso tenha te deixado questionando se vale a pena continuar nesse ambiente. A persistência do preconceito de gênero, evidenciada por olhares desaprovadores, reclamações e situações de rebaixamento injustas, torna desafiadora a permanência dessas mulheres em seus cargos. Apesar dos avanços, ainda há sérias barreiras a serem superadas para garantir a oportunidades e reconhecimento no meio dos futebóis para essas mulheres.

#### 4.4 PERSPECTIVA PARA AS MULHERES NOS FUTEBÓIS EM JUIZ DE FORA

Apesar do aumento na participação das mulheres como atletas de alto nível dos futebóis nas últimas duas décadas, a presença delas nos cargos de gestão técnica e esportiva continua bastante restrita (Goellner, 2005a)

Há um crescente foco na implementação de políticas destinadas a promover a inclusão das mulheres nos futebóis, como a implementação na obrigatoriedade de uma equipe feminina com o Regulamento de Licenças de Clubes da CBF em 2019, os novos calendários da FIFA com competições internacionais, e os campeonatos de seleções e clubes com a CONMEBOL. Essas iniciativas têm o potencial de impactar significativamente as oportunidades atuais e futuras para as mulheres que aspiram a cargos de gestão técnica, bem como para as atletas e gestoras.

Apesar desses avanços, a estruturação da modalidade e as oportunidades para cargos de gestão técnica ainda carecem de desenvolvimento. O predomínio masculino em posições de liderança nos futebóis, incluindo até mesmo o de mulheres (Passero, 2020), por vezes contribui para que as mulheres não enxerguem o esporte como uma possível carreira profissional. A falta de presença de treinadoras no ambiente esportivo colabora com a percepção de suposta falta de capacidade para ocuparem essas posições, resultando em níveis mais baixos de confiança pessoal (Guimarães et al, 2023a).

A partir desse cenário, nossas entrevistadas foram questionadas sobre como elas analisam as oportunidades para as mulheres em Juiz de Fora que ocupam cargos de gestão técnica. Nos relatos, elas observam um aumento nas oportunidades, porém, ainda reconhecem a existência de muitas barreiras.

Infelizmente, é fraco e eu volto lá atrás, esbarra muito no preconceito. Eu acho que as escolinhas deveriam abrir mais as portas para nós, mas infelizmente, esbarra nesse lance de “meu filho não vai ser treinado por mulheres” e muitas vezes a gente entende muito, muito mais do que os homens. (A1)

Acho que não é tão complicado, mas acho que mais pesa não é nenhum querer, a dedicação, é as oportunidades para dentro do futebol, do esporte, modo geral para mulher. Sempre tem o preconceito, machismo. [...] (A3)

Tanto em Juiz de Fora como em todo o Brasil, a escassez de campeonatos, o limitado espaço na mídia, a ausência de equipes nos principais clubes e o reduzido incentivo para a prática dos futebóis pelas meninas na escola e nos espaços de lazer são indicativos claro da sub-representação dos futebóis praticado e exercido por mulheres no Brasil (Goellner, 2018). Essa realidade contribui para as poucas oportunidades e o receio em abrir espaço para mulheres no cenário esportivo, dificultando ainda mais a participação delas nesse contexto.

A entrevistada (A3) acrescentou suas percepções sobre os fatores que contribuem para a baixa representatividade das mulheres nesse campo em Juiz de Fora.

Acho que a remuneração baixa, a dificuldade de acesso dentro das equipes, dentro da modalidade do futebol e outros também, acho que ainda há uma barreira muito grande em relação a mulher. (A3)

A evolução dos calendários no Futebol Profissional de mulheres tem o potencial de criar um espaço para aquelas que buscam oportunidades e reconhecimento na gestão técnica. No entanto, ainda há um longo percurso a ser trilhado para que as mulheres em Juiz de Fora possam alcançar plenamente o reconhecimento e espaço que merecem.

Se tratando de um país como o Brasil, onde o futebol é discursivamente incorporado à identidade nacional, torna-se necessário pensar, o quanto este ainda é, para as mulheres, um espaço não apenas a conquistar, mas, sobretudo, a ressignificar alguns dos sentidos que a ele estão incorporados de forma a afirmar que esse espaço é também seu. Um espaço de sociabilidade e de exercício de liberdades. (Goellner, 2005, p. 150)

As mensagens deixadas pelas mulheres entrevistadas nesta pesquisa problematizam essas questões, destacando a importância de desafiar as normas estabelecidas e promover a igualdade de oportunidades no universo esportivo:

Quem sonha em ser atleta ou está no ramo como treinadora ou alguma coisa que tem a ver com o futebol em si, que não é para desistir, porque não é fácil, não vai ser fácil, eu acho que nunca vai ser fácil para nós. Mas que é isso, que lute, que vai em busca dos sonhos, que eu acho que quando a gente quer, a gente consegue, e é acreditar que você é a melhor, porque eu todo dia eu falo, eu sou a melhor, é isso? Acreditar sempre. (A1)

Acho que é primordial para mulheres, não desistem do sonho que você tem. Se o seu sonho é trabalhar futebol, trabalhar com futsal, no masculino, feminino, na iniciação, no profissional, não desista que é um caminho muito difícil, mas se você se capacita para isso, não tem como não dá certo. Pode todo mundo andar contra, mas se você estiver andando ali, vai acontecer em algum momento, e hoje eu sou a prova viva disso. (A2)

Diante dos relatos e das análises construídas, observa-se que a perspectiva para as mulheres nos futebóis em Juiz de Fora é marcada por desafios estruturais. Embora haja um movimento crescente em direção à criação de políticas de incentivo, à ampliação dos calendários esportivos e ao reconhecimento institucional, os entraves relacionados ao machismo, à desvalorização, à precarização do trabalho e à falta de representatividade continuam limitando o acesso e a permanência das mulheres.

## 5 CONSIDERAÇÕES

Buscamos analisar a inserção das mulheres em cargos de gestão técnica na cidade, examinando suas trajetórias e identificando os desafios e conquistas ao longo do caminho. Ao dar visibilidade e representatividade a essas mulheres que, desde cedo, se envolveram com o esporte, enfrentando a escassez de times e, consequentemente, buscando nas escolas de futebol um espaço para se aproximar dos futebóis e das competições, absorvendo valores e éticas que esse ambiente pode transmitir, conseguimos valorizar suas trajetórias.

O sonho de se tornar uma atleta profissional permeou todas as narrativas, mas as dificuldades inerentes à modalidade fizeram com que elas redirecionassem seus caminhos, optando por atuar como treinadoras e gestoras. Esse processo se mostrou natural à medida que as barreiras para se destacar como atleta tornavam-se mais evidentes.

Ao longo de suas trajetórias como treinadoras, essas mulheres enfrentaram diversas dificuldades, sendo o preconceito, sem dúvida, o mais desafiador. A necessidade constante de provar

sua competência, a desconfiança, a sobrecarga de responsabilidades, a remuneração baixa e os questionamentos sobre suas vidas pessoais configuram fatores que dificultam seu trabalho. Apesar dessas adversidades, o amor pelo esporte se apresenta como um elemento que mantém viva a perseverança dessas mulheres.

O futebol, e suas derivações e possibilidades (futebóis), mesmo considerado paixão nacional, permanece marcado por estruturas de poder e relações atravessadas por preconceitos de gênero, que se refletem não apenas no esporte, mas em toda a sociedade. Essas mulheres permanecem nas modalidades, sabedoras de todas as barreiras na esperança de transformar esse cenário para as gerações futuras, para que outras possam desfrutar de situações mais amenas e acolhedoras no esporte.

As narrativas reforçam que, apesar das dificuldades, as mulheres seguem ocupando esses espaços de forma combativa, ressignificando o fenômeno do futebol como um lugar de pertencimento, sociabilidade e exercício de liberdade.

Ao compartilhar suas experiências e histórias, as mulheres deste estudo contribuem para a construção de um novo cenário esportivo em Juiz de Fora. A luta pelo espaço das mulheres nos futebóis e no esporte demanda, também, um compromisso coletivo que envolva não só a persistência e resistência das próprias mulheres, mas da sociedade; a responsabilidade das instituições esportivas e a efetiva implementação de políticas públicas que promovam a equidade de gênero no esporte.

## **FINANCIAMENTO**

The author(s) declare financial support was received for the research, authorship, and/or publication of this article. This research was funded by Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001, supporting the APC.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Caroline S.; ALMEIDA, Thaís. R. "Deve ou não deve o football invadir os domínios das saias? Histórias do futebol de mulheres no Brasil." CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 31, 2020.
- ARAUJO, Mahinã. L.; SILVEIRA, Raquel da. As trajetórias de jogadoras de futebol: os processos de socialização em jogo. *Espaço Plural*, Ano XIV, Nº 29, 2º Semestre 2013, p. 271-297, ISSN 1981-478X.
- BASTOS, Paula. V.; NAVARRO, Antônio. C. O futsal feminino escolar. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 144-162, maio/junho/julho/agosto 2009. ISSN 1984-4956.
- BRAGA, Aura. C. Trabalhadoras do futebol de mulheres no Brasil: discutindo lugares e fazeres. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Institui o Conselho Nacional de Desportos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 15 abr. 1941. Seção 1, p. 6893.
- CAPRINO, Kathy. Esporte na infância ajuda mulheres a crescer na carreira. *Forbes*. 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-mulher/2023/10/esporte-na-infancia-ajuda-mulheres-a-crescer-na-carreira-diz-estudo/> Acesso em 13 nov. 2023
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. Regulamento da Licença dos Clubes. Rio de Janeiro: CBF. Capítulo V, p. 20-21. 2021
- DAMO, Arlei. Futebóis - da horizontalidade epistemológica à diversidade política. FuLiA / UFMG, v. 3, n. 3, p. 37-66, set.-dez. 2018.
- FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION. FIFA Women's Development Programme. 2019. Disponível em: <https://www.fifa.com/womens-football/development-programmes> Acesso em 20 de out. 2023
- FERREIRA, Heidi. J., SALLES, José. G. C., & MOURÃO, Ludmila. Inserção e Permanência de Mulheres como Treinadoras Esportivas no Brasil. *Revista Educação Física/UEM*, v. 26, n. 1, p. 21-29, 1. trim. 2015.
- FERREIRA, Heidi. J., SALLES, José. G. C., MOURÃO, Ludmila., & MORENO, Andrea. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 03, p. 103-124, Jul/set de 2013.
- FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa pra macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 316-328, 2005.
- GOELLNER, Silvana. V. Mulher e esporte no Brasil: Entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a Prática*, v. 8, n. 1, p. 85-100, junho. 2005a.

GOELLNER, Silvana. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombra e visibilidade, Revista Brasileira de Educação Física, v. 19, n. 2, p. 143-152, junho. 2005b.

GUIMARÃES, Karen L.; BARREIRA, Júlia; GALATTI, Larissa. R. "Ela chegou onde ela chegou, eu consigo chegar também": trajetórias de mulheres treinadoras no futebol brasileiro. FuLiA/UFMG, v. 8, n. 3, set.-dez. 2023a.

GUIMARÃES, Karen. L.; BARREIRA, Júlia.; GALATTI, Larissa. R. "Ser mulher em um curso de futebol já é começar com um passo atrás": experiências das treinadoras em cursos da CBF Academy. Movimento, v. 29, p. e29010, jan./ dez. 2023b.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? Psicologia: Teoria e Pesquisa, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 201-210, mai-ago. 2006.

MAYRING, Philipp. Introdução à Pesquisa Social Qualitativa: Uma orientação ao pensamento qualitativo. 5<sup>a</sup> ed. Weinheim: Beltz, 2002.

MEIHY, Jose. C. S. B. Manual da História Oral. 5<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora Loyola, 2005.

MEYER, Dagmar. E.; PARAÍSO, Marluce. A. (Orgs.). Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MOURA, Giovanna. X. Por que não se importam com elas? O esporte de mulheres na agenda governamental no Brasil. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física – UEM/UEL, Maringá - SC, 2022.

MOURA, Eriberto. L. O futebol como área reservada masculina. In: DAOLIO, J. (Org). Futebol, cultura e sociedade. Campinas, SP: Autores Associados, 2005, p. 131-147

MOURÃO, Ludmila; GOMES, Euza Maria. Mulheres na administração esportiva brasileira: uma trajetória em curso. In: SIMÕES, Antônio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman. O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo: Aleph, 2004. p. 305-317.

NOVAIS, Mariana C. B. "À beira do gramado ou fora do jogo?": As treinadoras do futebol de mulheres no Brasil. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

NOVAIS, Mariana C. et al. Treinadoras e Auxiliares do Futebol de Mulheres no Brasil: Subversão e Resistência na Liderança Esportiva. Movimento. Porto Alegre, v. 27, e27023, 2021.

PASSERO, Julia. G. et al. Futebol de Mulheres Liderado por Homens: Uma Análise Longitudinal dos Cargos de Comissão Técnica e Arbitragem. Movimento. Porto Alegre, v. 26, e26060, 2020.

Projeto "Garimpando Memórias: esporte, educação física, lazer e dança no Brasil". Manual Básico de Transcrição do Centro de Memória do Esporte (CEME).

SAWIUK, Rebecca; LEWIS, Colin J.; TAYLOR, William George. "Longball" and "ballsdeep": a critical Reading offemale coach-learners' experiencesofthe UEFA A licence. Sports Coaching Review, v. 10, n. 1, 2021.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v.20, n.2, jul./dez. 1995

TORGA, Monique. Com a palavra, as gestoras: a trajetória de mulheres em cargos de gestão nos clubes de futebol do Brasil. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

VIANA, Aline. E. Futebol: das questões de gênero à prática pedagógica. *Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*, Campinas, v. 6, ed. especial, p. 640-648, jul. 2008 v

ZANATTA, Thaís Camargo; FREITAS, Daiane Miranda de; CARELLI, Filipe Gomide; COSTA, Israel Teoldo da. O perfil do gestor esportivo brasileiro: revisão sistemática da literatura. *Movimento*, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 291-304, jan./mar. 2018.